

Filhas da guerra: uma análise da mulher da colônia e pós-colônia no romance *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela

Lúcia Pereira Bezerra¹
Susylene Dias Araujo²

Resumo: A desigualdade social, a dominação masculina como violência física e simbólica são consequências às quais o colonialismo e a cultura patriarcal submeteram a mulher da colônia e da ex-colônia. O objetivo desse artigo é fazer uma análise das personagens femininas, em especial Himba e Sofia do romance *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela (2017). A análise se baseará em dois momentos da história de Angola: a guerra civil (1995) e a pós-guerra (2012). Tentaremos evidenciar nos dois momentos da história do romance como a violência física, psicológica e a desigualdade social sempre afetaram mais o gênero feminino. Essa cultura ainda arraigada em várias sociedades vem sendo combatida através das lutas feministas e a integração da mulher à sociedade. Para alcançar nosso propósito, usaremos como base a teoria e crítica pós-colonial e a feminista contidas em textos de Bonnici (2009), Chaves (2000), Beauvoir (1970), Alves (1991) e Bourdieu (2012).

Palavras-chave: Feminismo; Pós-Colonialismo; *Se o passado não tivesse asas*; Pepetela; Literatura angolana.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: lulu_bezerra70@hotmail.com

² Doutora e Mestre em Letras. É professora efetiva da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Coordenadora do curso de Letras. E-mail: susylenearaujo@yahoo.com.br

Porque para sobreviver é preciso enfrentar nossas fragilidades e maiores contradições.

Pepetela

1 Introdução

Falar da literatura angolana é “penetrar a maneira de ser e de sentir a nação.” (ABDALA, 2006, p. 211). Assim, na literatura Pepeliana, o autor nos faz (re)imaginar a nação através do texto literário, possibilitando perceber que, para falar de um presente que passa por transformações, faz-se necessário um levantamento do passado.

Compreender a relevância da proposta de recuperação do passado, mesmo que tal processo se faça através de uma reinvenção, pressupõe desvendar a natureza do colonialismo, atentando-se para todos que, ao ultrapassar a esfera da exploração econômica a que foram submetidos os povos oprimidos, exprimem a política de despersonalização cultural própria da empresa. Em estudos dedicados à relação entre racismo e cultura, Frantz Fanon lança luzes sobre vários aspectos desse problema, apontando as estratégias de interiorização do dominado como fundamentais para a justificação das desigualdades a serem perpetuadas pelo colonialismo. (CHAVES, 2000, p. 246).

O colonialismo “consiste na opressão militar, econômica e cultural de um país sobre o outro” (BONICCI, 2009a, p. 21). Muitos problemas resultaram da colonização do século XV, quando os portugueses dominaram a África, uma colonização que perdurou até o século XX. Colonos ocuparam os territórios da Angola, bem como os de Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.

Conforme Cortines (2012), Angola foi intensamente ocupada e explorada pelos portugueses com interesse em seus recursos naturais, devido à situação financeira da metrópole. Revoltas constantes contra a ocupação portuguesa representaram a luta contra o colonialismo, todavia, a partir dos anos 70/75, as colônias vão se libertar de Portugal. No entanto, movimentos revolucionários travaram guerras entre si, logo após Angola se tornar independente.

No romance *Se o passado não tivesse asas*, o autor traz para a ficção a mulher como protagonista, ambientando-a em um cenário de guerra e outro de paz. A figura feminina na literatura tem sido um tema recorrente nas pesquisas acadêmicas, é um meio de “recuperar a presença da mulher na história”, pois com o movimento feminista, houve a valorização do tema e da figura da mulher enquanto personagem, fato que até então havia sido ignorado quase completamente.

Assim, a literatura pós-colonial problematiza temas em relação à mulher como desigualdade e violência, já que “[n]a literatura, muitos são os romances que representam, através de suas personagens femininas, essa situação. Diversos romances [...] retratam essa subjugação da mulher” (BONNICI, 2009b, p. 266).

No romance em questão, a protagonista Himba é uma menina que passa pelos resquícios da guerra e se torna criança de rua, enfrentando todos os tipos de desigualdade e violência física.

A outra personagem central é Sofia, uma jovem mulher que passa pela transformação econômica do seu país e consegue construir e assumir um papel na sociedade. No entanto,

sofre violência simbólica por ter decidido dedicar-se somente ao trabalho e não ter tido tempo para o casamento. As duas protagonistas representam as mulheres africanas que se encontraram inseridas num contexto de guerra e pós-guerra.

Baseados na teoria e crítica pós-colonial e no feminismo, abordaremos nesse artigo a representação da mulher angolana, pois de acordo com Bonnici (2009a, p. 266), “[h]á estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo”.

A teoria feminista será útil nesse artigo, para ressaltar a experiência de violência que a personagem passa e sua submissão a ela. Consideramos tal violência como “[...] aquela que se atualiza na agressão física – espancamentos, estupros...” (ALVES, 1991, p. 60).

No entanto, de acordo com Beauvoir, a mulher quando toma consciência de quem ela é e do seu poder, luta pela sobrevivência, destacando-se na sociedade. “Entretanto, pelo fato de ter tomado consciência de si e de poder libertar-se também do casamento pelo trabalho, a mulher não mais aceita a sujeição com docilidade” (BEAUVOIR, 1970, p. 176).

Como ponto de partida para entendermos a evolução do enredo, pois ele se faz em dois cenários e dois tempos distintos, faremos a princípio considerações sobre a história angolana, seguida de uma análise pormenorizada das personagens protagonistas com o intuito de evidenciar como elas são representadas no romance.

2 Sobre o romance e a história de Angola

A presença da História na literatura angolana “assegura ao passado um lugar de destaque”. As literaturas dos países africanos não são independentes de sua História, pois frequentemente suas narrativas mantêm estreitos laços com o seu passado, daí a sua relevância, conforme aponta Rita Chaves (2000, p. 245).

Segundo Bonnici, a literatura “é criada dentro de um contexto; uma determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época onde se pensa de uma certa maneira, portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto” (BONNICI, 2009b, p. 177).

Esse vínculo sociocultural de que fala Bonnici pode ser notado em Pepetela, o qual retrata em seus romances de ficção, por meio de suas personagens, sujeitos que tiveram sua cultura apagada devido aos constantes ataques de guerra é interessante resgatar essa história, “[a]inda sob o calor dos fatos muito recentemente vividos, [pois] uma significativa parte da produção literária angolana se vai dedicar à pesquisa histórica como base da criação” (CHAVES, 2000, p. 253).

A incursão ao passado faz com que Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela) revele-se “como um dos construtores mais eficientes da ideia de nação”, pois reconstrói o passado histórico-sociocultural por meio da ação e o modo de ser das personagens (SPÁNKOVÁ, 2014, p. 42).

Assim como em *Mayombe*, apropriando-nos das ponderações de Chaves, o romance *Se o não passado tivesse asas* também se identifica com o período da libertação, uma vez que “o passado não é glorificado, nem rejeitado. Transforma-se em objeto de reflexão mesmo para quem tão vivamente participou desse itinerário” (CHAVES, 2000, p. 245).

Em *Se o passado não tivesse asas*, seu autor faz uma reflexão dos erros dos filhos do seu país, dentre os quais podemos citar a guerra civil, que foi uma luta entre dois partidos, o (MPLA) Movimento Popular de Libertação de Angola e a (UNITA) União Nacional para a Independência Total de Angola. Essa guerra durou 27 anos e teve alguns intervalos

assinalados por períodos de paz: “Aos treze anos de guerra colonial (1961-1974) acrescentou-se uma guerra civil ainda mais destrutiva e generalizada (1975-2002)” (WHEELER E PELISSIER *apud* CORTINES, 2012, p. 25).

Em 2002, o MPLA saiu vitorioso, porém, por causa dessa rivalidade, morreram dois milhões de pessoas, houve 1,7 milhão de refugiados e 80 mil mutilados. Devido a essas circunstâncias, Angola encontra-se devastada e economicamente pobre, resultando em mais de um milhão de pessoas que tiveram que se deslocar para outros locais como a capital Luanda, com pensamentos de paz e de reconstrução da nação.

Os fatos que se sucederam nesse período nos fazem compreender a ideia de nação que o escritor constrói através do universo fictício, pois durante e após a guerra, há no meio daqueles que se deslocam uma triste realidade, crianças que foram forçadas a sair de suas casas e que agora se encontram nas ruas de Luanda tentando, juntas, resistir às intempéries da vida. Além disso, existe também a realidade de sujeitos pós-coloniais que lutam pela sobrevivência em um país marcado pela guerra e a desigualdade social.

Percebe-se no romance que as personagens passam pela experiência pós-colonial dos “sem lar” ou das “pessoas marcadas pela diáspora”, que se constitui por meio de deslocamentos por causa da “fome, guerra civil e desemprego” (BONNICI, 2009a, p. 23-30).

Segundo Marcelo José Caetano (2007, p. 3), há um diálogo entre a literatura e a história, e esse engajamento é evidente na obra de Pepetela, uma vez que se pode considerar que “[o] texto literário não é autônomo em relação ao ambiente histórico e cultural em que é produzido.”

3 Entrelaçando teorias sobre o Colonialismo e o Feminismo

Os estudos pós-coloniais e o feminismo se associam no sentido de desmascarar os fundamentos masculinos do cânone literário em relação ao patriarcalismo/feminismo e metrópole/colônia. O crítico Thomas Bonnici (2009b, p. 267) afirma que a intenção dos estudos pós-coloniais e o feminismo é integrar a mulher marginalizada à sociedade fazendo uma analogia dela com a colônia. Dessa forma,

1. A mulher é *duplamente colonizada* pela sociedade colonial; 2. A *objetificação* da mulher torna-se a metáfora da degradação das sociedades sob o colonialismo; 3. A *voz da mulher* na ficção e no desenvolvimento do cânone literário rompe os pressupostos masculinos; 4. Questões de identidade, controle, poder (agência) e de autoria tornam-se as mais relevantes.

A teoria sobre o gênero feminino é importante na análise literária, no entanto, deve-se englobar a análise o contexto social desse indivíduo, que foi marcado pela subjugação ao patriarcado, durante muito tempo e, em muitos locais, essa situação ainda persiste.

A realidade social da mulher que foi colonizada pelos europeus, e que foi ocultada, ignorada, pode ser trazida à superfície, e isso configura uma maneira de pensar historicamente o gênero feminino. Essa história pode ser configurada como a realidade da luta do opressor contra o oprimido ou vice-versa.

No século XX, de acordo com Bonnici, deparamo-nos com um triste cenário, mulheres profundamente submetidas e inferiorizadas por gerações de homens, colonizadores

européus, que acreditando em sua superioridade colonizava a mulher duplamente “à escravidão, à prostituição ou a [ser] objeto sexual”. Dessa maneira, cria-se na mulher a mesma forma de opressão que entre o colonizador e a colônia. Relegada ao serviço do homem europeu e discriminada em seus direitos, vê-se metade da população mundial feminina “vivendo num contexto patriarcal” (BONNICI, 2009b, p. 260).

Compreende-se que o feminismo é um movimento fruto de mulheres que procurou “superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo” (ALVES, 1991, p. 8) difundido e apregoadado pelo sistema patriarcal.

Sendo assim, é possível considerar o feminismo como uma auto-organização de mulheres que expressam suas vivências e se fortalecem mutuamente, buscando repensar modelos hierárquicos como o patriarcado.

De acordo com Alves (1991, p. 74),

O feminismo se constrói, portanto, a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõem a História da Mulher e se coloca como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em permanente processo de re-criação. Na busca da superação das relações hierárquicas entre os homens e mulheres, alinha-se a todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas.

Conforme Alves, no final dos anos sessenta, Kate Millet publica o livro *Política Sexual*, analisando o patriarcado como um modelo de organização social, “um sistema universal de dominação em todas as culturas”. Nesse sistema, depreende-se a existência de uma autoridade e a sua obediência, baseado em um patriarca que exerce poder sob sua mulher, filhos e empregados. É inquestionável dizer também, que o patriarcado é uma forma de poder masculino, que impacta diretamente a imagem feminina subordinada ao homem, tornando-o sujeito e ela objeto (ALVES, 1991, p. 53).

A relação de poder entre o “sujeito” e o “objeto” nos leva a pensar que esse tipo de opressão é evidente em várias culturas, porque muitas mulheres e meninas sofrem violência em todo o mundo. Aceitam sua sorte resignadamente, sem tentar nenhuma ação, pois já assimilaram o fato de serem o *outro*, por isso há muitas mulheres espancadas, violentadas, exploradas tentando desculpar o seu agressor, sacramentando o papel do sujeito que se opõe a ela, pois ele “pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto” (BEAUVOIR, 1970, p.10). Nessa situação, a mulher

não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.

Complementando essas colocações de Beauvoir, Bonnici (2009b, p. 265) tece a seguinte observação a respeito do colonizador e do colonizado, que se assemelha à situação do homem e da mulher no sistema patriarcal:

A opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia de sujeito e de objeto mantida pelos colonizadores. Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma *hierarquia* em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. O colonizador, seja espanhol, português, inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura. Por outro lado, o colonizado é descrito constantemente como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial. É a dialética do sujeito (agente) e do objeto (*o outro*, subalterno).

A relação metrópole/colônia e homem/mulher refletem uma situação na qual há aquele que domina e aquele que é dominado, aquele que oprime e aquele que é oprimido. Nesse sentido, é possível observar tal relação na representação das personagens do romance de Pepetela, conforme as análises que se encontram nos próximos tópicos.

4 A menina Himba

As personagens crianças de Pepetela são enredadas em conflitos causados pela guerra como a fome, a violação e a desigualdade social. Himba, uma das protagonistas, nos é apresentada no início do enredo fugindo de um ataque com a família. Ela morava com os pais e irmãos no Planalto Central. Esse local era lindo, “com enormes rochedos cinzentos e negros emergindo como sentinelas gigantescas do verde familiar do capim”, no entanto, eles são obrigados a abandoná-lo: “[...] saíam da terra onde sempre viveu” (PEPETELA, 2017, p. 9).

Himba tinha apenas treze anos, fazia a sexta classe e era uma menina com comportamento de adulto. Um dia seu pai decidiu abandonar tudo o que tinham e fugir dos ataques da guerra que estavam sofrendo. Desse modo, partiram para a capital Luanda. No meio do caminho, a camioneta em que estavam sofre um atentado e ela perde toda a família, tornando-se “uma criança no meio do nada. Ou no inferno” (PEPETELA, 2017, p. 13).

Himba consegue ajuda e chega a Luanda, suja e cheirando mal, a fome e a sede a incomodavam. Ao caminhar pelas ruas, percebe crianças procurando comida nos contentores de lixo. Miúdos como ela “estavam tão perdidos, quanto ela, ficavam pelas ruas, sem casa nem família, talvez fugindo da guerra” (PEPETELA, 2017, p. 32).

O Relatório de Seguimento Das Metas da Cimeira Mundial pela Infância traz a seguinte informação em relação às crianças que perdem seus pais e se tornam crianças de rua:

4.5.3. Crianças de rua. Crianças de rua, ou mais precisamente aquelas que fizeram das ruas a sua casa, são um dos grupos de crianças de maior risco entre as que vivem fora de um ambiente familiar. Elas estão concentradas em Luanda e, em menor número, em algumas outras grandes cidades, tais como Benguela, Lobito, Lubango e Malange. Para, além disso, existem números maiores de “crianças na rua”, crianças que vivem com famílias, mas passam a maior parte do seu tempo nas ruas, a vender ou a mendigar para a sua sobrevivência ou para a das suas famílias. [...] Há inquéritos confirmando que a morte dos pais, a pobreza e factores relacionados com a guerra têm sido as principais causas das crianças acabarem fora de um contexto familiar. Por exemplo, um inquérito de 378 crianças em lares em Benguela e Malange concluiu que 37,6% estava lá devido à morte das pessoas que normalmente cuidavam delas, 20,1% devido aos seus pais ou parentes serem demasiado pobres para cuidarem delas e 19,3% porque tinham sido separadas “enquanto fugiam de um ataque”. (UNICEF, 2000, p. 15).

Sabemos que o relatório faz menção a um dado da realidade factual angolana e o propósito de citá-lo aqui é enfatizar que essa realidade é recriada ficcionalmente no romance de Pepetela, por meio da personagem Himba, que se torna uma “criança de rua”.

Após caminhar muito, a menina se lembra da polícia, “os únicos que a podiam ajudar a encontrar a família” (PEPETELA, 2017, p. 36). Ela se depara com um excesso de órgãos administrativos que a empurram de um lado para o outro, sem encontrar nenhuma resolução para o seu problema.

Sem sucesso com as autoridades, Himba caminha pelas ruas até chegar à Mutamba, onde a maioria dos “miúdos” já se recolhiam, mas viu um com perna de pau: “Nem precisaria de

perguntar, a criança tinha pisado uma mina, havia gente assim por todo o país. O pequeno veio na sua direção, como se de longe tivesse reaparado nela” (PEPETELA, 2017, p. 40).

O referido menino chama-se Kassule e ele faz parte das crianças vítimas das minas, apesar de quase sempre uma criança vítima das minas não sobreviver aos ferimentos. Perdera uma perna e a família. De acordo com o Relatório de Seguimento das Metas da Cimeira Mundial pela Infância, quatrocentos angolanos – crianças e adultos tem uma deficiência causada por minas “**Crianças vítimas de minas.** Em Angola, de acordo com o MICS (1996), 15% das deficiências das crianças tinham sido causadas por incidentes de guerra, tais como a detonação de minas e de engenhos explosivos não detonados” (UNICEF, 2000, p. 18). Novamente, verificamos que dados da realidade são ficcionalizados por Pepetela em seu romance.

O menino Kassule torna-se amigo de Himba e a leva para morar na praia nos blocos de cimento, onde havia restaurantes e contentores de lixo com restos de alimento. Porém, as disputas por alimento e lutas por ocupações eram grandes, e volta e meia apareciam bandos de meninos para disputar comida e território: “Havia garotos mais garotos na praia... era preciso disputar ferozmente o recanto nos blocos de cimento. Também os restos do restaurante” (PEPETELA, 2017, p. 99).

Um dia apareceu na praia uma menina, Madia de quinze anos. Antes de conhecê-la, Himba ouvia falar sobre sexo, mas não daquela maneira, não sabia que as meninas eram vítimas de abuso pelos bandos de meninos que viviam na praia.

– Te faziam o quê? – perguntou Himba. – Ué. Me fodiam. Não sabes o que é, sukua?
– Esses miúdos... Se fosse um só, tudo bem, podia aceitar e até gostar, aconteceu. Mas três ao mesmo tempo, ainda com chapadas e empurrões no meio, é só para magoar, não é outra coisa. Se chama violação, violência doméstica ou quê... (PEPETELA, 2017, p. 78-80).

Madia tinha mais ou menos quinze anos, sua mãe vivia na cidade e dormia na casa de um homem, e fazia muito tempo que ela não a via. Himba quis saber por que Madia tinha saído de casa, se fora a mãe que a tinha mandado embora.

– Eu é que vim embora. Disse mesmo, vou arranjar outro sítio. Ela disse está bem, vai então.
– Mas porquê disseste?
Porque ele não me largava. O homem dela. Sempre a me apanhar a dormir e me foder!. À frente da minha mãe. Sukuama! Ela reclamava, lhe dava socos com cuidado para não o irritar demais, deixa a minha menina em paz e ele dizia menina o quê, está bem larga já. (PEPETELA, 2017, p. 80).

A menina faz parte de uma família separada pela guerra, com o pai no exército, a mãe se entrega à bebida para esquecer o sofrimento. Um dia a mãe resolve partir para Luanda e morar com um irmão: “Não acredito nessa história de irmão [...] Deve ter sido algum tipo que apareceu lá no Kela, trepou na minha mãe como tantos outros, contou cenas sobre a família dele e ela acreditou no meio dos copos ser um irmão dela” (PEPETELA, 2017, p. 81).

A postura da mãe da menina em relação ao homem, que abusava sexualmente da sua filha, demonstra a passividade da mulher quanto à soberania dele, pois com medo ela “lhe da[va] socos com cuidado para não o irritar” (PEPETELA, 2017, p.). Beauvoir (1970, p. 12) questiona essa soberania indagando: “de onde vem essa soberania do macho?”, “De onde vem essa submissão na mulher?”

De acordo com a estudiosa mencionada, se nos atentarmos ao passado mais distante, perceberemos que as mulheres sempre estiveram subordinadas ao homem e “foi um acontecimento histórico que subordinou o mais fraco ao mais forte: a diáspora judaica, a introdução da escravidão na América, as conquistas coloniais são fatos precisos” (BEAUVOIR, 1970, p. 12).

Em *A Dominação Masculina*, Bourdieu refere-se a esta questão, reafirmando o pensamento de Beauvoir: “Ora, longe de afirmar que as estruturas de dominação são a-históricas, eu tentarei, pelo contrário, comprovar que elas são *produto de um trabalho* incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física...).” (BOURDIEU, 2012, p. 46, grifos do autor).

Após contar sua história a Himba, Madia a alertou: “Tu vais ver, quando te apanharem...” (PEPETELA, 2017, p. 80). Não demorou muito para Himba saber. Um dia andando pelas matas com Kassule, sofreu a primeira violação pelo bando de Jonas.

Dois seguraram com força as pernas que se debatiam, mas foram afastadas [...] O maior se deitou por cima da menina e violou-a. Os gritos dela se confundiram com os de Kassule. Depois se revezaram os quatro, seguindo uma hierarquia de grupo, e ela já não gritava, só chorava. (PEPETELA, 2017, p. 89).

Podemos fazer uma analogia do colonizador com o bando de Jonas, que para demonstrar domínio do território, bem como da Ilha, dos blocos de cimento e dos contentores de lixo, violenta a menina demonstrando para Kassule que eles são os que dominam o espaço. Toda sociedade colonizada sofre dano físico, mutilações e assassinatos, pois é a maneira do colonizador demonstrar seu poder a um povo oprimido. As tentativas de reação são combatidas com extrema violência, seja em relação à metrópole/colônia, seja em relação ao indivíduo opressor/oprimido:

Mas o menino se levantou sobre uma perna, com a muleta erguida como arma de combate. O nomeado Chico lhe deu um pontapé na perna e ele caiu mais uma vez. Do chão tentou responder com a muleta mas esta foi-lhe arrancada das mãos e atirada para longe.[...] Kassule, deitado no chão em posição fetal, virado para não ver. (PEPETELA, 2017, p. 89).

De acordo com Allan Nascimento (2014, p. 11), a violência contra a mulher em tempos de guerra aumentou devido ao número de mulheres e meninas, que forçadas a abandonar as suas casas e “fixando-se em locais diferentes no seu país”, sofreram todo tipo de abusos, entre eles violações sexuais. Em (2000), a resolução 1325 da Organização das Nações Unidas (ONU) manifestou uma preocupação pelas mulheres, que se deslocam internamente, pois se tornam alvos de violência durante os conflitos armados, ressaltando

[...] o papel das mulheres na prevenção e resolução de conflitos e na construção da paz; e apela a todas as partes envolvidas em conflitos armados para que tomem medidas especiais de proteção das mulheres e das jovens contra a violência baseada na diferença de gênero, em particular a violação e outras formas de abuso sexual, bem como todas as outras formas de violência que ocorrem em situações de conflito armado [ONU 2000]. (NASCIMENTO, 2014, p. 4).

Conforme se verifica, os dados transcritos correlacionam-se com os elementos expressos no romance em relação à violência sexual sofrida pela personagem Himba.

Certo dia apareceu um garoto de 17 anos na praia, foi assim que Tobias entrou na vida de Himba: “– Meu nome é Tobias. Sou chefe deste grupo. E tu, espertinha, vais ser minha

mulher”. Himba ficou semiparalisada, procurando uma saída, porém sabia que poderia passar por outras violações do bando de Jonas, assim como lutas por disputas de comida.

No princípio, Himba relutou com a ideia de ser esposa de Tobias, já que era apenas uma menina de treze anos. No entanto, ele promete protegê-la, e também a Kassule e Luemba, uma menina de oito anos que vivia com eles na praia: “– A partir de agora, estão protegidas, uma é a minha mulher, outra é minha cunhada. Tu também, cunhado, sei o teu nome, Kassule, não é? A gente da Ilha te conhece, um gajo famoso...” (PEPETELA, 2017, p. 169-174).

Tobias faz um contrato com Himba, uma espécie de proteção imposta, ela deveria ser sua mulher e ele a protegeria. Ele se utiliza da mesma proteção patriarcal, que dá direito a mulher viver sob a tutela de um homem, no entanto, de acordo com Beauvoir (1970, p. 120) essa proteção sob a veste do casamento, se torna fingida, pois “redunda para esta na mesma escravidão de antes”.

Na noite de núpcias, Tobias confirmou que a menina já não era mais virgem. O desapontamento do garoto o fez querer saber como tinha acontecido: “Ela preferiu engolir a vergonha a contar a verdade nunca revelada” (PEPETELA, 2017, p.194).

A fúria tomou conta de Tobias e “se notava na voz de Tobias uma raiva fria, não tanto contra Chico mas contra o líder do bando rival, chegando a pronunciar inadvertidamente o nome odiado que jurara nunca proferir”. A vingança era a única maneira de Tobias afirmar seu domínio no território e, dessa maneira, o bando que deflorou Himba deveria pagar por ter destruído sua virgindade (PEPETELA, 2017, p. 194).

A respeito dessa questão, a estudiosa francesa faz a seguinte colocação:

É, porém, de uma maneira mais imediata que a virgindade da mulher é exigida quando homem encara a esposa como sua propriedade pessoal. Primeiramente, a ideia de posse é sempre impossível de se realizar positivamente; em verdade, nunca se tem nada nem ninguém; tenta-se por isso realizá-la de modo negativo; a maneira mais segura de afirmar a posse de um bem é impedir que os outros o usem. E, depois, nada se afigura mais desejável ao homem do que o que nunca pertenceu a nenhum ser humano; a conquista se apresenta, então, como um acontecimento único e absoluto. (BEAUVOIR, 1970, p. 196).

Com o casamento, sem dúvida, Himba se sujeita a Tobias, rendendo-lhe obediência. Esse casamento é mais uma ruptura na vida de Himba, porque a menina vive um estado de resignação, compreendido como uma aceitação de todos os males que sofrera e sofre. Conforme Beauvoir (1970, p. 196), a questão é saber se depois do casamento a mulher vai se submeter ou não à autoridade do marido: “Da ferosidade do cavalo selvagem, da violência do raio e da catarata o homem fêz os instrumentos de sua prosperidade”. Essa ideia de posse vem expressa no fragmento que transcrevemos abaixo:

Era isso, estava habituada a ter um homem. Por vezes ele era um pouco violento, para marcar a sua autoridade, sem exageros [...] Das primeiras vezes lhe doeu quando ele a penetrou, sempre à noite, longe do grupo, só lhe pedindo para evitar muitos gemidos... Ela obedecia, engolia os gemidos, deixava o seu homem exercer o direito de macho embora se retesasse como uma mabanga. Tempos depois já não estava aterrorizada com o que iria acontecer quando ele a afastava do grupo e a levava a deitar na areia e começava a lhe acariciar os mamilos e depois as coxas. Aprendeu a relaxar o corpo, deixar acontecer com naturalidade. Doía menos. Até tentar participar e, por vezes, sentir um ligeiro prazer, nunca o verdadeiro prazer, de que falara Madia. Pelo menos já não tinha dores e era mais agradável do que entrar na água fria. Tobias não cheirava mal, não a apertava com brutalidade. Se era isso

que tinha de pagar pela ausência do medo constante, então pagava. Achava, tinha feito a opção certa. (PEPETELA, 2017, p. 193).

Tobias passa a se vingar dos integrantes do grupo, como uma maneira de “lavar” sua honra. No entanto, ao travar uma luta com Jonas, o chefe do bando inimigo, acaba morrendo.

Novamente, ela e Kassule estavam sozinhos no mundo. A promessa de proteção de Tobias não foi suficiente, pois “[a] vida é dura e os fortes usam a força”. “Até outros mais fortes mostrarem que os fortes são os fracos” (PEPETELA, 2017, p. 172 e 198).

Tempos difíceis viriam para Himba, novamente foi violada por dois ou três, que aproveitaram para lhe dar uma surra:

Não sentia dores, mesmo se o sangue não parava de sair do nariz por causa das chapadas. O corpo estava feito para ser torturado, por isso era indiferente doer ou não doer, qual era a diferença? Quando a dor é constante, deixa de ser sentida. E assim queria ficar, imune à dor, à física e à outra, a da perda. Já tinha perdido tudo ou quase tudo, pois lhe restava Kassule. Era pouco? (PEPETELA, 2017, p. 233).

De acordo com Bonnici (2009, p. 266), “[u]ma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia”. Levando em conta o pensamento de Bonnici, podemos dizer que Pepetela estabelece uma semelhança entre a personagem Himba e a colônia para exemplificar a crueldade, a violência e a subjugação que a dominação europeia impôs ao povo que pertencia às colônias. Também podemos notar que com essa dominação, houve uma influência da cultura patriarcal e machista no sentido de que o homem impõe poder sobre a mulher, tornando-a vítima de violência física e sexual e, de acordo com Beauvoir, o poder sempre esteve nas mãos dos homens, já que

A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens. “A autoridade pública ou simplesmente social pertence sempre aos homens”, afirma Lévi-Strauss ao fim de seu estudo sobre as sociedades primitivas. O semelhante, o outro, que é também o mesmo, com quem se estabelecem relações recíprocas, é sempre para o homem um indivíduo do sexo masculino. (BEAUVOIR, 1970, p. 91).

As injustiças sociais causadas às crianças pela guerra tornam-se uma preocupação para o Estado Angolano que pretende reduzir o número de crianças pobres, violentadas, negligenciadas e abusadas. De acordo com o Relatório anual da UNICEF Angola, “Embora a grande maioria das crianças de rua seja do sexo masculino, algumas raparigas vivem também na rua. Relatórios das ONGs que trabalham na assistência a estas raparigas indicam que elas são um grupo de crianças em risco excepcionalmente elevado por serem vítimas de violações brutais” (UNICEF, 2000, p. 19). Essa situação é recriada poeticamente no universo ficcional do romance de Pepetela, conforme comentamos acima.

Surge uma nova figura feminina, Dona Isabel, uma senhora boa das trancinhas, uma amiga deles de Kimba e Kassule, compreendendo a gravidade da situação, encaminha-os para o lar de crianças do padre Adão, um lar para órfãos, onde a adaptação foi fácil “gozavam a paz e segurança, esperando o princípio das aulas” (PEPETELA, 2017, p. 258). A casa do padre Adão funcionava como um meio de garantir a reinserção social das crianças que eram vítimas de violência, exploração e abuso.

Após terminar a oitava classe, Himba, deu sequência ao Ensino Médio, optando por um curso profissionalizante de Contabilidade e Gestão, “uma carreira garantindo futuro risonho no capitalismo” (PEPETELA, 2017, p. 297). Já Kassule não tinha tanto brilho para os estudos, mas o tinha para a pintura.

O tempo passou, ela agora estava com dezessete anos e próxima a concluir o Ensino Médio, porém tinha dificuldade em economia política, não acreditava que conseguiria passar nessa disciplina, estava mal preparada e assim, decidiu procurar o diretor pedagógico que tinha fama de pedófilo. Ela precisava saber duas ou três perguntas que cairiam no exame, “precisava de ter boa nota naquela disciplina e a vida era uma guerra, aprendera desde sempre” (PEPETELA, 2017, p. 317).

Himba há muito descobrira sua função, a do *Outro*, desde cedo lhe foi infligido a frustração, a opressão e a violação a despeito do Outro. Aproveitando-se dessas situações às quais sempre considerava escravizada, Himba mostra-se frágil, objeto de abuso. No entanto, para o homem, ela não representa nenhuma ameaça. Contudo, em sua mente, ela aprendera a se defender.

Precisava conseguir uma boa nota na prova para poder concluir seus estudos. Era sua liberdade que estava em jogo. Agora não era o momento de refletir se os meios para a conquista da sua independência eram os mais decentes. Conforme Beauvoir, o caráter pode ser secundário a uma situação. A mulher a partir do momento que se define como sujeito da situação, “só pode ser conquistada com seu consentimento”, e ao homem “cumpre vencê-la” (BEAUVOIR, 1970, p. 229).

Observemos o dilema no qual se encontra Himba para concluir seu curso e a solução que ela encontra:

O professor aproveitando-se da ocasião tenta uma troca – Podemos fazer uma troca... Que dizes? Ficas com a prova e eu gozo o que tens em baixo da saia por uma hora.

- Por quem me toma? Alguma prostituta? Se volta a me tocar, eu grito. E bem alto. Não imagina como consigo gritar alto. – grito e tenho as confissões da Ivone, da Luísa, da Olga, e de mais algumas, que o professor lhes fez coisas e promessas. Vai para a cadeia e nunca mais pode pôr o pé numa escola. Ela fora dura com o professor, nada de doçura, foi, aliás, isso que o atraiçou, até então devia pensar nela como uma aluna meiga, carente, apaixonada pelo deus que se apresentava a sua frente. (PEPETELA, 2017, p. 319-320).

Ao terminar os estudos, Himba decide voltar à sua ilha atrás de notícias da família, mas a guerra tinha sido destruidora: “Avançou para a casa onde nascera e sentiu muita dor, pois era um terreno vazio, com tijolos no chão. Não reconhecia ninguém nas ruas” (PEPETELA, 2017, p. 335). De fato, ela estava sozinha no mundo, regressou para o lar das crianças órfãs, chamou Kassule e falou que devido à idade deles, certamente mais cedo ou mais tarde deveriam sair do lar, para dar lugar as novas crianças necessitadas, então tem uma grande ideia:

Se tratava de mudar de identidade. Os dois. Ficariam com o mesmo apelido paterno, talvez isso lhe fizesse esquecer o passado, toda a dor acumulada, partia para uma nova vida com novo nome. Seu primeiro nome seria Sofia, em vez de Himba, nome de kimbo. Sofia, como a irmã perdida de Kassule. Teriam o mesmo apelido e ficariam irmãos. Só que era preciso convencer o padre a lhes dar o apelido dele, Moreira. Sofia Moreira. [...] a ideia maluca da irmã começou a ganhar nova consistência, se chamaria Diego, como Maradona. (PEPETELA, 2017, p. 342-343).

A princípio o padre não gosta da ideia, mas acaba dando seu sobrenome a Himba, que renega o nome dos pais, fingindo não ter documentos que o comprovassem, quer deixar o passado para trás, pois para ela, “– Com sonhos posso eu bem, já estou habituada. Mas preciso respirar outro ar. E nome é importante, muito mais do que se pensa” (PEPETELA,

2017, 344). Com os documentos em mãos, Sofia arruma trabalho e sai do lar das crianças, levando seu irmão Diego (Kassule).

5 A nova mulher e o seu poder de decisão

Passada a guerra, nos deparamos com Sofia Moreira, uma jovem mulher que esperava uma oportunidade na vida para conquistar a estabilidade financeira, para garantir o seu futuro e o do irmão. Diego era um artista que pintava quadros, mas se sentia inferior aos outros pintores de galerias ou exposições, porque queria ser reconhecido, mas passara pelas ruas, e para ele uma vez da rua, sempre da rua.

No tocante a Sofia, os questionamentos de Beauvoir (1970, p. 23) são bastante pertinentes: “Como encontrar a independência no seio da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar?” Tais questionamentos apontam para o fato de que a mulher tem que gerir e administrar os seus próprios passos, sem estar subordinada ao poder e jugo da figura masculina.

Sofia encontra-se agora em um país em expansão, no entanto marcado pela desigualdade social. Não é difícil perceber que sobre a mulher pós-colonial pesa a desigualdade no sentido psicológico e econômico, por isso, “ela aguardava, sem grandes sonhos” (PEPETELA, 2017, p. 21).

No entanto, nutria uma ponta de esperança de que algo iria mudar para melhor, e aconteceu. Um dia, conheceu Ester, a dona de um restaurante, que a convidou para trabalhar como administradora e lhe deu liberdade de mudar os temperos como quisesse.

Sofia gostava de cozinhar. O restaurante se tornou um verdadeiro sucesso, pois o número de pratos aumentou. Depois de quatro anos o restaurante prosperou, dona Ester pôde comprar o terreno ao lado e ela administrava os cozinheiros, enquanto “Sofia se ocupava de toda a parte financeira e burocrática além de orientar o salão” (PEPETELA, 2017, p. 27).

Sob essa perspectiva, Alves ressalta que “[m]ulheres autônomas, comerciantes ou exercendo outras atividades, independente de seu estado civil, aparecem nos anais de corporações e nos registros administrativos” (ALVES, 1991, p. 18). A independência econômica e social na vida da jovem mulher advém primeiramente de ter tomado a decisão de estudar, assim deixaria para trás a subjugação e a violência sofrida. O conhecimento administrativo, mais a criatividade em inventar temperos, ocasionou no sucesso do restaurante.

Contudo, para Bourdieu (2012), a mulher tem mais facilidade com funções relacionadas à cozinha como “merendeiras, crecheiras” etc. No romance, a personagem fez o curso de contabilidade e gestão, no entanto, seu trabalho não se resumia apenas à parte financeira e burocrática, mas orientar o salão e servir as bebidas. Desse modo, conclui-se também que há uma sobrecarga de trabalho e uma obediência às regras da casa: “Ela pediu desculpa, mas as regras da casa impediam o pessoal de beber ou provar qualquer comida com os clientes” (PEPETELA, 2017, p. 344). Dessa maneira, verifica-se que a desigualdade entre o homem e a mulher em relação às tarefas laborativas se mantém:

Assim, em cada nível, apesar dos efeitos de uma super-seleção, a igualdade formal entre os homens e as mulheres tende a dissimular que, sendo as coisas em tudo iguais, as mulheres ocupam sempre as posições menos favorecidas. Por exemplo, sendo embora verdade que as mulheres estão cada vez mais representadas em funções públicas, são sempre as posições mais baixas e mais precárias que lhes

são reservadas (elas são particularmente numerosas entre as não tituladas e os agentes de tempo parcial, e, na administração local, por exemplo, vêm ser-lhes atribuídas posições subalternas e ancilares, de assistência e cuidados — mulheres da limpeza, merendeiras, crecheiras etc.). A melhor prova das incertezas do estatuto atribuído às mulheres no mercado de trabalho reside, sem dúvida, no fato de que elas são sempre menos remuneradas que os homens... (BOURDIEU, 2012, p. 110).

Para Bourdieu, embora a mulher apareça representada no campo público ou privado, sua posição é baixa, e sem dúvida seus salários são sempre inferiores aos dos homens, ela tem uma sobrecarga de trabalho, uma vez que realiza as tarefas domésticas e o trabalho no espaço público.

A respeito da libertação da mulher através do trabalho, Bourdieu, referindo-se à classe operária, pondera que a emancipação da mulher tornou-se uma ameaça ao homem. De acordo com Beauvoir (1970, p. 17), mesmo dentro da classe operária, os homens tentaram frear essa libertação da mulher, porque elas são encaradas como perigosas concorrentes, habituadas que estavam a trabalhar por salários mais baixos”.

A personagem Sofia carrega uma carga de responsabilidades no trabalho e um excesso de competências, sendo assim a dona do restaurante, agradecendo-lhe a *sorte* que ela trouxera, oferece-lhe um quinto dos lucros do restaurante: “Sofia tratou da mudança do alvará e do resto, se tornara proprietária de um quinto do restaurante. Agora lhe doía mais se não tivesse lucro” (PEPETELA, 2017, 27-29).

As mulheres querem reconhecimento no trabalho e ganhar tão bem quanto o homem, dessa maneira, Sofia conquista um novo papel na sociedade, apresenta-se como um sujeito autônomo e responsável por si e pelo irmão porque “é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista singularmente árdua e lenta” (BEUAVOIR, 1970, p. 149).

Emancipada financeiramente, Sofia se mantém distante dos homens. Evita os rapazes que demonstram interesse por ela. Contudo, seu irmão se incomodava de não vê-la envolvida em nenhum relacionamento amoroso:

Ele já tinha perguntado várias vezes, mas esses rapazes não se atiram a ti? Nunca te convidam para saíres com eles? E ela dizia, nunca, mas também recusaria, se algum o fizesse. Acho que eles adivinham. E que interesse posso suscitar em gente tão rica que vê tudo no mundo e convive com mulheres belíssimas? [...] Depois de ela responder com jeito de boca decaída, em desdém, ele mudava a conversa e não lhe fazia o cumprimento que lhe agradaria ouvir. (PEPETELA, 2017, p. 54).

Sofia era mais especializada no trabalho que o irmão, e por ter se desenvolvido profissionalmente, não via motivos para preocupar-se com relacionamentos, ou mesmo casamento. Ao contrário de desejar um marido, ela tinha uma dedicação extremada pelo trabalho, pela sua emancipação financeira. Nesse sentido, são muito válidas as colocações de Simone Beauvoir (1970, p. 177): “A época atual convida as mulheres ao trabalho, obriga-as mesmo a isso, mas acena-lhes com paraísos de ócio e delícias e exalta as eleitas bem acima das que permanecem presas a este mundo terrestre”. Conforme Beauvoir, a mulher pode cair na tentação de achar que a conquista de um marido pode substituir sua independência.

Mas, no caso dela optar pela ascensão profissional, sua dívida será quitada mediante seu insucesso na área doméstica. De certa forma, a mulher tem que “pagar” por seu sucesso profissional, já que “as mulheres que atingiram os mais altos cargos (chefe, diretora em um

ministério etc.) têm que "pagar", de certo modo, por este sucesso profissional com um menor "sucesso" na ordem doméstica (divórcio, casamento tardio, celibato, dificuldades ou fracassos com os filhos etc.) (BOURDIEU, 2012, p. 126).

Certo dia Dona Ester morreu: "Tadeu já lhe tinha tocado no pulso gordo à procura de batimentos. Constatou a morte" (PEPETELA, 2017, p. 203). Agora Sofia deveria tratar dos tramites do sepultamento e dar a notícia a Ezequiel, o filho da falecida, que não reagiu: "ela repetiu e ele só inclinou a cabeça de lado e deitou a língua de fora, processando a informação. Estava cada vez pior..." (PEPETELA, 2017, p. 205).

Com a guerra, Dona Ester perdeu a pista da família. Sofia sabia que ela tinha outro filho que morava no Canadá, mas que há muito tempo tinha ido embora. Não tinha tempo para procurá-lo, pois deveria tratar do sepultamento.

Sofia passou cuidar de Ezequiel com a ajuda de Diego, que foi solidário nesses dias, enquanto ela procurava uma solução para os problemas. Decidiu abrir uma conta no banco para Ezequiel e interná-lo em um lar de acolhimento: "Levaram o homem com duas malas de roupa e objetos indispensáveis. Ezequiel nem deve ter percebido que mudava de casa, como aparentava não sentir a falta da mãe" (PEPETELA, 2017, p. 268).

Passado esse capítulo, Sofia procura legalizar a mudança dos documentos do restaurante tornando-se assim a verdadeira dona do local: "Quem poderia contestar? Não seria certamente o canadiano desaparecido!" (PEPETELA, 2017, p. 269).

Sofia deu uma guinada no restaurante, aumentou o espaço e prosperou. Percebemos que ela consegue reverter a situação desfavorável de sua vida na infância e adolescência, antes era uma menina que aceitava as opressões da vida, agora é uma mulher, transformada em sujeito da sua própria história. Ela estudara administração, sabia como fazer progredir o empreendimento. De acordo com Bonnici, a respeito da visão da filósofa Beauvior, a mulher "há de aprender a ser *l'Homme*, sobretudo através da conquista de uma profissão" (BONNICI, 2009b, p. 225).

Certo dia, Diego estava no mercado expondo suas telas, quando vê um fiscal que era responsável por liberar licenças: "Diego tivera sorte, a sua licença tinha sido tratada por Sofia noutra repartição há muito tempo. A irmã nunca lhe disse que tinha pagado alguma coisa senão o estipulado por lei" (PEPETELA, 2017, p. 348).

O fiscal pergunta a Diego:

– Kassule? É o que assinou aqui? É você mesmo? – Sim, o meu nome é Diego Moreira. Assino Kassule. – Onde ouvi esse nome? Ah, já sei, conheço a sua... mulher?... irmã?... Sofia...? Diego achou estranho, mas respondeu, sim, tenho uma irmã que se chama assim. – Dona de um restaurante... Não é longe daqui, não é verdade? – Sim, é ela mesmo. O Mamã Ester. – É isso – disse o diretor dos restaurantes, mercados e afins. – Boa comida, por sinal. Fui eu que lhe arranjei o novo alvará, em nome dela, tem ali uma máquina de fazer dinheiro. Dê-lhe os meus cumprimentos. E parabéns pelas suas obras, são muito interessantes. (PEPETELA, 2017, p. 349).

E foi assim que Diego descobriu que Sofia tinha pagado ao fiscal para fazer o novo alvará do restaurante no nome dela: "– E como é que ficou o alvará, em nome de quem? – No meu, claro..." (PEPETELA, 2017, p. 350). Diego não podia acreditar que sua Irmã havia feito aquilo. O restaurante deveria ser do Ezequiel, porque ele "era o herdeiro da mãe. Sem contar com o outro irmão, esse que foi para a América" (PEPETELA, 2017, p. 350).

Sofia contava que o irmão soubesse um dia que ela tinha passado o restaurante para o nome dela, mas não daquela forma. Diego estava decepcionado com a atitude de Sofia. Ela “nunca vira tanto desgosto e nojo na cara dele” (PEPETELA, 2017, p. 351).

Sofia explica que fora melhor para Ezequiel, que ele não saberia administrar o restaurante, e nem assinar as papeladas, que assim Ezequiel estaria protegido, pois ela depositava todo mês em uma conta que abriu para ele, garantindo-lhe o pagamento do lar.

Inconformado com a situação, Diego grita: “– Protegido? Foi roubado... desculpa, mas essa é a palavra, ele foi roubado. O restaurante era da mãe, portanto ele é o herdeiro e o restaurante devia ser dele, estar no nome dele” (PEPETELA, 2017, p. 350-351).

A irmã tenta questioná-lo, mas Diego fica transtornado com a sua decisão, sua mudança, seus gestos, sua nova maneira de ser, de agir. Sofia tinha mudado muito. Diego reconhece não ter ajudado a irmã, talvez a culpa fosse dele, que percebia suas mudanças, mas não fazia nada para poder ajudá-la.

– Também tenho culpa. Desconfiei que tinhas problemas desses e nunca tive coragem de falar contigo, de te contar a minha experiência e como era importante arranjares um namorado. Te ensinar como podias fazer. Ou contar ao Radamel, que teria um conselho acertado. Devia ter rompido a barreira que criaste à sua volta. Reconheço, tenho culpa. Desconfiei que estavas a afundar e não soube dar a mão. (PEPETELA, 2017, p. 354).

Sofia, enquanto Himba, sofreu por muito tempo a fome e a violência física. Agora que deixou de assimilar seu estado de subjugação, seu irmão julga o caráter que ela adquiriu, a maneira como conquistou a liberdade financeira e a renúncia à vida amorosa, colocando-a por último no seu destino final. Por essa razão, ela poderia ser considerada como uma mulher marcada pela desigualdade social, por não ter um marido.

Em um “tempo de violência e exploração”, como a mulher poderia ser julgada de oportunista, ou ser lembrada de onde veio? A violência simbólica é caracterizada pela invasão à consciência da mulher e ao fato de ela optar por viver sem um companheiro/namorado e se igualar aos homens:

– Não gostei de te ver com eles. Bebias as palavras deles, os gestos, se apercebia, querias ser como eles, tinhas inveja de não poderes ser igual. Parva! Nunca poderias ser. Nascestes numa vila de província, de pais que não sabiam o que é o poder, seja ele o que for. Te aceitavam ali, no teu restaurante, te podiam até levar a casa deles, mas para mostrar, olha, eu vivo e sou assim, vou ao teu restaurante de vez em quando para viver outra realidade, me misturar um pouco com as classes inferiores, a tua classe...

Ela não respondeu. Se encolhia na cadeira, mexendo na colher do açúcar. Fraca demais para contrapor uma frase, uma ideia.

– Talvez nunca te tenhas deitado com nenhum deles. Acho mesmo que não o fizeste. Não és capaz. Porquê? Isso não sei, mas adivinho.

[...] Sofia continuou calada. As lágrimas corriam aos olhos. (PEPETELA, 2017, 354).

Sofia/Himba não se sente inclinada ao amor romântico, porque há muito viveu sob a dominação masculina, e agora com a ascensão social, veio à libertação, libertação esta que não depende de um provável namoro, ou casamento. Ela ficou durante muito tempo em um estado de insegurança, presa como objeto dependente do masculino. Agora as coisas eram diferentes.

Diego se culpa por não ter ajudado a irmã, mas não a trata como vítima do sistema e decide ir embora: “– Não posso morar mais contigo. Vou arrumar as minhas coisas e deixar a casa”

(PEPETELA, 2017, p. 354). Para ele, tantos sofreram e deram a volta por cima, enquanto ela tornou-se mais dura, devido à ganância e ao desejo de prosperar:

- Eu sou o que fizeram de mim. O teu país.
 - outros sofreram tanto como tu e continuaram honestos e dignos. Humanos... o país é de todos e não deve ser culpado pelos erros dos seus filhos.
 - não posso viver sem ti, és meu irmão.
- Ele ficou calado algum tempo, talvez para pensar numa resposta, talvez apenas para engolir o sofrimento autoinfligido. Quem sabe o que passa na cabeça de uma pessoa?
- Devia ir à polícia denunciar o roubo. Um cidadão cumpridor fazia assim. Mas não sou capaz. Afinal continuas a ser minha irmã. Não me peças mais do que isso, Himba. (PEPETELA, 2017, p. 355)

Na cena final do romance, persiste a imagem da mulher como um ser subalterno que, na opinião de Diego deveria ter conseguido um marido, e que não tinha o direito de transferir para o seu nome o restaurante que por direito seria de Ezequiel, embora Sofia tenha se esforçado e trabalhado para que o local desse lucro. A visão patriarcal de Diego entra em choque com a figura forte e destemida da mulher que foi à luta e venceu num território dominado pela força masculina. Ainda que se possa discutir os seus meios poucos ortodoxos de se apossar da herança do filho de Dona Ester, é inegável que Himba, aquela que era explorada, agredida, vilipendiada pelos homens, morreu, dando lugar a outra mulher, Sofia, que foi capaz de reverter a situação desfavorável e miserável na qual se encontrava, para se transformar numa empresária de sucesso.

5 Considerações Finais

A obra *Se o passado não tivesse asas* aborda as ações, os sentimentos e as reflexões de duas personagens femininas, uma menina de rua, e uma jovem mulher, filhas da guerra, que passam por conflitos, mas que buscam se reconstruir numa nova Angola livre da colonização.

Nessa perspectiva, Pepetela traz vozes de personagens que sofrem tentando resistir à guerra e à conquista da independência no pós-guerra, e esse é um dos motivos pelos quais ele é considerado como um dos maiores escritores de Angola independente.

Ao analisar as personagens femininas, foi inevitável não citar Kassule e Diego, uma vez que as figuras masculinas estabelecem laços de afeto e de tensão com a protagonista cindida em duas: Himba/Sofia. Ela, assim como Madia, também faz parte da mulher oprimida que representa a colônia subjugada pelo poder imperialista.

Percebemos que Pepetela se volta para a questão dos últimos vinte anos de Angola “com base na observação, na memória e na imaginação...”, marcando suas personagens dentro de um contexto histórico social cheio de contradições (MOISÉS, 2007, p. 89).

O romance analisado estrutura-se sobre a história de personagens femininas que representam a mulher da colônia, e por meio delas percebemos o aterrorizador poder do império colonialista. A violência, a exploração e a desigualdade social são apenas alguns temas levantados para demonstrar a cruel dominação desse sistema e, dessa obra em epígrafe assume o papel de refletir sobre a sociedade Angolana.

Nesse artigo, procuramos estudar o mundo feminino dentro de um contexto em que a cultura predominante é a patriarcal, por isso as mulheres são representadas como submissas, menosprezadas, desvalorizadas e violentadas. Tais mulheres representam a

colônia explorada e oprimida pelos europeus, mas que ainda hoje tenta se reerguer, assim como as mulheres buscam mudar a sua situação e ter seus direitos equiparados aos dos homens.

As personagens femininas, após deixarem de se posicionar como objeto, mudam suas atitudes, e muitas vezes podem até nos chocar com seu novo comportamento, mas não há outro caminho para que elas consigam superar a condição de subalternidade e opressão a que foram relegadas pelo sistema patriarcal. Nesse sentido, é possível compreender que a vida da mulher (e a personagem Himba/Sofia comprova esse fato) se baseia em dois momentos, o da assimilação e o da resposta a essa assimilação. Ela pode aceitar passivamente a opressão ou não. Beauvoir afirma que “procurando evadir-se da esfera que lhes foi assinalada até o presente, elas pretendem participar do *mitsein* humano” (BEAUVOIR, 2017, p. 23).

O universo ficcional de Pepetela, concebido em dois tempos - 1995 e 2012 – nos ajudou a realizar uma leitura isolada da vida das duas personagens, que mais tarde iremos descobrir tratar-se de uma unidade, pois Himba é Sofia, causando grande surpresa no leitor. Assim, Pepetela cria uma personagem, destruindo-a para depois reconstruí-la. Coloca-a como uma metáfora da colônia destruída e que, na contemporaneidade, passa por um processo de reconstrução e expansão. Por meio das histórias de Himba/Sofia, é possível verificar o renascimento de uma nova mulher, independente, capaz de conduzir o próprio destino e libertar-se das amarras do sistema patriarcal, redefinindo as posições fossilizadas de opressor/oprimido, macho/fêmea, masculino/feminino:

A luta contra a discriminação implica, assim, na recriação de uma identidade própria, que supere as hierarquias do forte e do fraco, do ativo e do passivo. Identidade esta em que as diferenças entre os sexos sejam de complementaridade e não de dominação. Em que a *força* e *fraqueza*, *atividade* e *passividade* não se coloquem como polos opostos definidores de *masculino* e do *feminino*, e sim como parte da totalidade dialética, contraditória, do ser humano. (ALVES, 1991, p. 57).

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Panorama histórico da literatura angolana. In: CHAVES, Rita de Cássia Natal; MACEDO, Tânia. **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1991.

ANGOLA. Relatório de seguimento das metas da Cimeira Mundial pela Infância. Luanda: UNICEF, 2000. Disponível em: www.unicef.org/specialsession/how_country/edr_angola_pt.PDF. Acesso em: 09 jan. 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BONNICI, Thomas (Org.). **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009a.

BONNICI, Thomas. Teoria e Crítica Pós-colonialista. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009b, p. 257-283.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CAETANO, Marcelo José. Itinerários africanos: do colonial ao pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais. Abril/Maio/ Junho de 2007, v. 4, ano IV, n. 2. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/Dossie.artigo.6_Marcelo.Jose.Caetano.pdf>. Acesso em: 02 out. 2018.

CHAVES, Rita. O passado presente na literatura angolana. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 245-257, 1º sem. 2000.

CORTINES, Paula de Oliveira. **A cidade e a infância e Os da minha rua**: representação da infância luandense em narrativas angolanas. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012.

ANGOLA, INDEPENDÊNCIA E GUERRA CIVIL APÓS QUATRO SÉCULOS DE DOMÍNIO PORTUGUÊS: em 11 de novembro de 1975, Agostinho Neto assumiu o poder. Conflito só terminou em 2002, deixando dois milhões de mortos, 1,7 milhão de refugiados e 80 mil mutilados. **O Globo**, Mundo, Rio de Janeiro, 23 set. 2013. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/angola-independencia-guerra-civil-apos-quatro-seculos-de-dominio-portugues-10110726>. Acesso em: 11 fev. 2019.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

NASCIMENTO, Allan. Obstáculos aos direitos humanos das mulheres deslocadas internamente: o caso angolano. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 13, 2014, p. 49-66.

PEPETELA. **Se o passado não tivesse asas**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

SPÁNKOVÁ, Silvie (2014). **Literaturas africanas de língua portuguesa I. Antologia de textos literários**. Brno: Masarykova Universita. Disponível em: <https://digilib.phil.muni.cz/data/handle/11222.digilib/131149/monography.pdf>.> Acesso em: 11 fev. 2019.